
A CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA: DIVERGÊNCIAS ENTRE THOMPSON E ALTHUSSER

LA CONCEPCIÓN MATERIALISTA DE LA HISTORIA: DIVERGENCIAS ENTRE THOMPSON Y ALTHUSSER

THE MATERIALIST CONCEPTION OF HISTORY: DIVERGENCES BETWEEN THOMPSON AND ALTHUSSER

DOI: <http://dx.doi.org/10.9771/gmed.v11i1.27808>

Amarilio Ferreira Junior¹

Marisa Bittar²

Resumo. O objetivo deste artigo é apresentar as divergências gnosiológicas entre Louis Althusser e E. P. Thompson sobre o materialismo histórico concebido por Karl Marx e Friedrich Engels, e tomou como referência as seguintes obras produzidas pelos dois marxistas da segunda metade do século XX: “A favor de Marx” (1965), “Ler o Capital” (1965) e “A miséria da teoria ou um planetário de erros” (1978), as duas primeiras de Althusser; a terceira de Thompson. Em Althusser, o materialismo histórico se expressa como uma teoria científica geral da história, cujo conceito central é o de “modo de produção”. Já em Thompson, o materialismo histórico assume a configuração de categorias e de conceitos críticos (classe, ideologia e modo de produção) usados para “escrutinar os fatos”.

Palavras-chave: Marxismo; Materialismo Histórico; Louis Althusser; E. P. Thompson.

Resumen. El objetivo de este artículo es presentar las divergencias gnoseológicas entre Louis Althusser y EP Thompson sobre el materialismo histórico concebido por Karl Marx y Friedrich Engels, y tomó como referencia las siguientes obras producidas por los dos marxistas de la segunda mitad del siglo XX: “Para Marx” (1965), “Lea el Capital” (1965) y “La miseria de la teoría o un planetario de errores” (1978), las dos primeras de Althusser; la tercera de Thompson. En Althusser, el materialismo histórico es una teoría científica general de la historia, cuyo concepto central es el de “modo de producción”. En Thompson, el materialismo histórico asume la configuración de categorías y de conceptos críticos (clase, ideología y modo de producción) usados para “escudriñando los hechos”.

Palabras-clave: El marxismo; Materialismo Histórico; Louis Althusser; E. P. Thompson.

Abstract. The purpose of this article is to present the gnoseological differences between Louis Althusser and EP Thompson on historical materialism conceived by Karl Marx and Friedrich Engels, and took as reference the following works produced by the two Marxist of the second half of the twentieth century: “For Marx” (1965), “Reading Capital” (1965) and “The misery of theory or a planetarium of errors” (1978), the first two of Althusser; the third of Thompson. In Althusser, historical materialism is a general scientific theory of history, whose central concept is that of “mode of production”. In Thompson, historical materialism assumes the configuration of categories and critical concepts (class, ideology, and mode of production) used to “scrutinize the facts”.

Keywords: Marxism; Historical Materialism; Louis Althusser; E. P. Thompson.

Introdução

Completamos, em 2018, duzentos anos do nascimento de Karl Marx e, com este artigo, pretendemos evidenciar como o seu pensamento foi apropriado por dois importantes intelectuais da segunda metade século XX: Louis Althusser e E. P. Thompson. A intenção, ao apresentarmos esses dois marxistas, é aludir as possíveis tendências interpretativas relacionadas ao materialismo histórico concebido por Karl Marx e Friedrich Engels³. Assim, o materialismo histórico, conformado pela tradição marxista, foi exposto por meio de abordagens distintas na controvérsia que Thompson travou com Althusser, ou seja, a perspectiva apresentada pelo historiador britânico assumiu uma dimensão discrepante em relação à posição defendida pelo filósofo francês.

O materialismo histórico configurado pelo estruturalismo marxista de Althusser veio a lume na metade dos anos de 1960, quando ele publicou as obras “A favor de Marx” (1965) e “Ler o Capital” (1965), este último em parceria com os seus discípulos Jacques Rancière, Pierre Macherey, Étienne Balibar e Roger Estabiet. As objeções de Thompson, por sua vez, somente foram explicitadas na década seguinte, quando editou o opúsculo “A miséria da teoria ou um planetário de erros” (1978). A denominada “polêmica” entre Thompson e Althusser sobre suas interpretações acerca do materialismo histórico não só foi marcada pelo lapso de tempo entre as obras publicadas por ambos, mas também pelo fato de que Althusser nunca replicou as críticas formuladas por Thompson⁴.

Assim sendo, o artigo em tela visa estabelecer as divergências conceituais entre ambas as perspectivas referentes ao materialismo histórico, mas não estão aqui expostas na forma de um estudo comparado com base em uma lista de “diferenças” e “semelhanças”. A exposição tem como escopo, unicamente, situar as controvérsias no domínio da questão metodológica que açambarca o “ofício do historiador”, ou seja, de como o historiador deve proceder no processo de investigação dos fenômenos históricos. Além disso, não é demais lembrar que a contenda de cunho epistêmico travada entre Thompson e Althusser se inscreveu em um duplo contexto: (A) o período da Guerra Fria (1947-1991), ou seja, da bipolaridade entre dois sistemas econômicos mundiais: capitalista e socialista; e (B) as intermitentes divergências ideológicas que se manifestavam no interior do chamado “marxismo ocidental”⁵.

Breves trajetórias de Althusser e de Thompson

Louis Pierre Althusser (1918-1990) foi um filósofo francês de origem argelina. Passou cinco anos como prisioneiro dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em 1945, foi aceito como aluno na prestigiosa Escola Normal Superior (ENS) de Paris e se filiou, em 1948, ao Partido Comunista Francês. Depois, na condição de professor da própria ENS, Althusser publicou, entre outras, as seguintes obras: “A favor de Marx” (1965); “Ler o Capital” (1965); “Lênin e a filosofia” (1968); “Ideologia e aparelhos

ideológicos de Estado” (1969); “Elementos de autocrítica” (1974); “Sobre a ideologia” (1976); “Freud e Lacan” (1978). A partir da década de 1960, Althusser foi considerado um dos principais pensadores do chamado “estruturalismo francês” ao lado de Claude Lévi-Strauss, Roland Barthes, Jacques Lacan, Michel Foucault e Jacques Derrida. A singular interpretação no âmbito do “marxismo estruturalista” permitiu que Althusser criticasse tanto o stalinismo (economicismo) como o denominado “marxismo humanista” de Antonio Gramsci (1891-1937) e da Escola de Frankfurt, por ele classificado também de “marxismo romântico”⁶. Althusser havia sido diagnosticado, desde 1947, com sintomas mentais relacionados à “psicose maníaco-depressiva seguido de repetidos ataques de melancólica”, que o levaram a intermitentes internamentos em hospitais psiquiátricos. Em 1980, em uma dessas crises, Althusser estrangulou Hélène Rytman (1910-1980), que fora sua companheira por mais de 30 anos. **Edward Palmer Thompson** (1924-1993), geralmente citado como E. P. Thompson, foi um historiador britânico, escritor, socialista e pacifista. Ele é conhecido por seus trabalhos históricos sobre os movimentos radicais britânicos do final do século XVIII e início do século XIX, que ficaram registrados, particularmente, nos três volumes de “A formação da classe trabalhadora inglesa” (1963-1980). Essa obra é uma das mais importantes contribuições para a história dos trabalhadores e para a história social em âmbito mundial, principalmente devido à importância que conferiu à cultura (entendida no sentido anglo-saxão do termo) no processo de investigação dos fatos históricos. Thompson foi um dos principais intelectuais do Partido Comunista na Grã-Bretanha. Contudo, deixou o partido em 1956 devido à invasão soviética da Hungria e assumiu uma posição política radical contra o stalinismo. Não obstante, continuou filiado à concepção marxista da história e foi, a partir de 1959, um dos principais intelectuais do movimento de esquerda britânico chamado New Left⁷. Durante a década de 1980, desempenhou preponderante protagonismo no movimento pacifista contra a instalação de armas nucleares no Continente Europeu, particularmente no território britânico.

A concepção estruturalista da história em Althusser

“A história real pode por sua vez ser considerada filosofia e ciência”
Louis Althusser

Nas obras “A favor de Marx” e “Ler o Capital”, Althusser defendeu a necessidade de um corte epistemológico (*coupure épistémologique*) no conjunto das obras de Karl Marx. A divisão instituída pelo filósofo francês levou em consideração a existência de dois tipos de obras marxianas: (A) os escritos do período em que Marx estabeleceu a crítica radical ao legado filosófico hegeliano⁸; e (B) os trabalhos produzidos na maturidade nos quais encontramos uma “teoria científica” desenvolvida pelo próprio Marx sobre a totalidade societária burguesa⁹. Logo, a concepção histórica encontrada no denominado “jovem Marx”¹⁰ estava visceralmente eivada por uma compreensão de viés ideológico e, por conseguinte, impossibilitada de explicar cientificamente as estruturas constitutivas da formação socioeconômica capitalista¹¹. Althusser teria

desarraigado, desta forma, o materialismo histórico de toda e qualquer influência da dialética originária da filosofia hegeliana¹².

No escopo teórico althusseriano, o materialismo histórico assumiu uma compleição conceitual formada por um conjunto de categorias – modo de produção, forças produtivas, relações de produção, determinação econômica, superestrutura e outras (ALTHUSSER, 1980, v. II, p. 119 Et seq.) – que estão postas em uma relação *a priori* no processo de investigação do fenômeno histórico engendrado pela realidade concreta, tal como fica explícito no excerto que se segue:

São os “meios de trabalho” que determinam a forma típica do processo de trabalho considerando: ao determinar o “modo de ataque” da natureza externa submetida à transformação na produção econômica eles determinam o *modo de produção*, categoria fundamental da análise marxista (tanto em economia como em história); determinam ao mesmo tempo o grau de *produtividade* do trabalho produtivo. O conceito das diferenças pertinentes observáveis nas variedades do processo de trabalho, o conceito que permite não somente a “periodização” da história, mas, antes de tudo, a elaboração do conceito de *modo de produção* fundamenta-se assim, sob o aspecto que consideramos aqui, nas diferenças qualitativas dos meios de trabalho, isto é, em sua produtividade (grifos no original) (ALTHUSSER, 1980, v. II, p. 122-123).

Assim sendo, a história fica exclusivamente subordinada à “teoria científica” que Marx desenvolveu sobre as categorias inerentes à economia política do modo de produção capitalista. São as estruturas teóricas aplicadas ao modo de produção capitalista (totalidade) que se constituem nas categorias do processo de construção do próprio conhecimento histórico. Portanto, o objeto real do historiador não são os fatos (inerentes à realidade sensível) engendrados, por exemplo, no contexto das relações capitalistas de produção com todos os corolários daí advindos (materiais e subjetivos), mas, sim, os conceitos que explicam de forma antecipada as estruturas constitutivas do modo capitalista de produção. No trecho que se segue, essa posição ficou ainda mais explícita:

Definir os fenômenos econômicos pelo seu conceito é defini-los pelo conceito dessa complexidade, isto é, pelo conceito da estrutura (global) do modo de produção, na medida em que ele determina a estrutura (regional) que constitui como objetos econômicos, e determina os fenômenos dessa região definida, situada num lugar definido da estrutura do todo. No nível econômico propriamente dito, a estrutura que constitui e determina os objetos econômicos é a estrutura seguinte: unidade das forças produtivas/relações de produção. O conceito desta última estrutura não pode ser determinado fora do conceito de estrutura global do modo de produção (ALTHUSSER, 1980, v. II, p. 134).

Portanto, o historiador deve produzir o conhecimento histórico pelo “conceito da estrutura (global)” e não com base na investigação empírica do objeto produzido pela “estrutura (regional)”, uma vez que o “fato histórico” (objeto de pesquisa) é determinado pelo “conceito de estrutura global do modo de produção”. O fato histórico não era, para Althusser, “uma palavra-de-ordem teórica: o real é o objeto real, existente, independentemente do seu conhecimento, mas não pode ser definido a não ser pelo seu conhecimento” (ALTHUSSER, 1979, p. 219), ou seja, apenas o conceito estrutural abstrato, estabelecido de maneira formal em relação ao próprio “fato real”, pode dar conta de explicá-lo. Além disso, Althusser considerava que o empirismo aplicado no processo de produção do conhecimento histórico levava a uma

concepção ideologizada da própria história. Em uma passagem da obra “Ler o capital”, o marxista francês argumentava que:

Devemos encarar a sério *o fato de que a teoria da história, no sentido rigoroso, não existe*, ou que só existe para os historiadores, que os conceitos de história existentes são, pois, no mais das vezes conceitos “empíricos” mais ou menos à procura do fundamento teórico – “empírico”, isto é, fortemente mestiçados com uma ideologia que se dissimula sob as suas “evidências” (ALTHUSSER, 19780, v. II, p. 51).

Na interpretação de Althusser, o método estrutural era aplicado à Oficina de Clio para descurá-la de qualquer tipo de contaminação ideológica (tomar o “real” como elemento empírico). Para ele, o “real” perderia todo e qualquer valor epistemológico, convertendo-se apenas em uma simples realidade objetiva manipulada por um pensamento formalizado (teoria da história), ou seja, o conhecimento histórico não iria do real ao conceito, mas do “conceito ideológico/empírico” (Generalidade I) ao “conceito científico” (Generalidade III), por meio da aplicação de “regras formais/estruturais ou método” (Generalidade II) (ALTHUSSER, 1979, p. 160 Et seq.). Em síntese, segundo Althusser, o método estruturalista aplicado à história processaria a investigação sobre o seu próprio “objeto” (sua própria matéria-prima) e não sobre o objeto real, ou seja: “é perfeitamente lícito dizer que a produção do conhecimento, que é peculiar da prática teórica, constitui um processo que se passa *inteiramente no pensamento*” (ALTHUSSER, 1980, v. I, p. 43).

Mas, o “corte epistemológico” althusseriano não provocou apenas uma ruptura na classificação das obras marxianas, que divorciou o “jovem Marx”¹³ (ideológico) do “Marx da maturidade” (científico). A disrupção atingiu também os trabalhos produzidos por Engels, particularmente entre aqueles escritos antes e depois da morte de Marx (1883)¹⁴. Althusser atribuiu a Engels¹⁵ a responsabilidade pelos equívocos praticados no interior do marxismo a respeito da centralidade gnosiológica que o método dialético ocupava na obra marxiana, ou seja, que tomava o materialismo histórico caudatário do método dialético de produção do conhecimento. Em uma passagem de “Ler o Capital”, ele afirmava:

(...) Engels nos joga, em certos textos surpreendentes, que introduzem a história (no sentido empirista-ideológico) até nas categorias teóricas de Marx. Cito, por exemplo, a obstinação dele em reiterar que Marx não podia produzir em sua teoria verdadeiras *definições científicas* devido a razões atinentes às propriedades de seu objeto real, à natureza *móvel e cambiante de uma realidade histórica refratária por excelência a qualquer tratamento por definição, cuja forma fixa e eterna só poderia falsear a perpétua mobilidade do vir-a-ser histórico* (ALTHUSSER, v. II, 1980, p. 55).

Para Althusser, ao contrário de Engels, o materialismo histórico desenvolvido por Marx consistia em uma teoria científica geral da história, cuja centralidade se encontrava no conceito de “modo de produção”. O filósofo francês defendia que, o conceito abstrato de “modo de produção” tinha com escopo a possibilidade científica de promover uma ruptura epistemológica com toda a larga tradição relacionada com a concepção historicista que graça no âmbito do marxismo, particularmente em relação à herança hegeliana que deitava liames profundos na “filosofia da história”. Em síntese, para o marxismo althusseriano, o materialismo histórico é a ciência abstrata que fornece os elementos para a compreensão estrutural da sociedade burguesa

tanto nos seus aspectos econômicos como políticos. Assim sendo, o estruturalismo marxista interpreta o materialismo histórico não como uma “filosofia da história”, mas, sim, como uma “ciência da história”.

A concepção da lógica histórica em Thompson

“A História não conhece verbos regulares”

E. P. Thompson

Na obra “A miséria da teoria ou um planetário de erros”, Thompson criticou a concepção de história formulada por Althusser¹⁶. Por outro lado, assumiu uma concepção do materialismo histórico assentada em um entendimento teórico heterodoxo tanto em relação aos seus procedimentos quanto em função das suas conclusões. O marxismo concebido por Thompson, nestes termos, correspondia às seguintes premissas: (A) um ramo do conhecimento “unitário” no qual se encontram todas as outras disciplinas; (B) uma epistemologia da investigação histórica preocupada com a totalidade societária; (C) um conhecimento que engendra os seus próprios procedimentos metodológicos por meio da lógica histórica; e (D) um conjunto de conceitos mais verdadeiros porque suportam melhor o teste da lógica histórica (THOMPSON, 1981, p 49 Et seq.). Portanto, para o historiador britânico, “o materialismo histórico distingue-se de outros sistemas interpretativos pela sua obstinação teimosa (teimosa que foi por vezes doutrinária) em elaborar essas categorias (categorias históricas), e em articulá-las numa totalidade conceptual” (THOMPSON, 1981, p. 61). Desse modo, a construção do conhecimento histórico depende, segundo Thompson, de um peculiar procedimento metodológico que tem como referência os fenômenos engendrados pelas complexas e contraditórias relações que os homens são obrigados a travar entre si e com a natureza no processo de garantia das suas existências materiais e espirituais. Assim sendo, o melhor procedimento metodológico a ser adotado por um historiador deveria ser:

(...) apenas a fazer uma suposição provisória de caráter epistemológico: a de que a evidência que está utilizando tem uma existência “real” (determinante), independente de sua existência nas formas de pensamento, que essa evidência é testemunha de um processo histórico real, e que esse processo (ou alguma compreensão aproximada dele) é o objeto do conhecimento histórico (THOMPSON, 1981, p. 37).

Pressupõe-se, então, que as determinações históricas do “real” têm que sofrer um processo ininterrupto de interrogação, pois essas, por si mesmas, não podem ser evidenciadas como conhecimento histórico acabado, ou seja, Thompson parte do princípio epistemológico de que as formações socioeconômicas historicamente dadas, enquanto totalidades, não são subordinadas por um conjunto de leis e nem, por extensão, constituem-se em flexões, abstrações no plano do pensamento, de um teorema estrutural pré-estabelecido; mas, sobretudo, se caracterizam por determinadas relações – resultantes de múltiplas, complexas e contraditórias interações existentes entre os fenômenos – e por uma lógica particular engendrada durante o próprio processo histórico.

O materialismo histórico, por consequência, não pode ser presidido por uma “teoria científica” colocada para além do seu próprio referencial epistemológico, ou seja, por uma “filosofia” que lhe imponha, de fora para dentro, um método. De outro modo, para Thompson (1981, p. 37-38), a disciplina da história não está submetida ao apriorismo de um método concebido pelo “tribunal epistemológico criado pela filosofia”, ou seja: “para o conhecimento histórico, esse tribunal (tribuna de recursos/filosofia) se situa dentro da disciplina da história, e em nenhum outro lugar”. Ou ainda, quando afirma que: “A filosofia não deve se postar em todas as fronteiras como um traficante, oferecendo um papel-moeda espúrio, ‘universal’, sem circulação em todas as terras. Poderia, em vez disso, funcionar como uma vigilante casa de câmbio” (THOMPSON, 1981, p. 58).

A concepção de história em Thompson, nesta perspectiva, não se filiava os conceitos do materialismo histórico evidenciados nas obras de Marx e de Engels que foram produzidas na primeira metade dos anos de 1840, época em que iniciaram uma parceria intelectual que se estenderia pelo resto de suas vidas. Para o historiador britânico, os conceitos atinentes ao materialismo histórico – que ficaram explicitados, por exemplo, na obra “A sagrada família” (1945) – ainda se revelavam “imatuross”, pois seriam, até aquele momento, caudatários da “filosofia da história” herdada da tradição hegeliana. Tal como afirmaram Marx e Engels na passagem que se segue:

A concepção hegeliana da história supõe um Espírito abstrato ou absoluto, que se desenvolve de tal modo que a humanidade é apenas uma Massa que lhe serve de suporte mais ou menos consciente. No quadro da história *empírica*, exotérica, Hegel fez desenvolver-se uma história *especulativa*, esotérica. A história da humanidade transforma-se na história do *Espírito abstrato* da humanidade, de um Espírito, por consequência, transcendentess ao homem real (grifado no original) (MARX; ENGELS, 2003, p. 102).

Refutando a influência conceitual da “filosofia da história” e propugnando a prática da “história empírica”, Thompson advoga a necessidade da lógica histórica como metodologia da investigação das causas reais produzidas pelos acontecimentos processuais (econômicos, políticos e culturais) que os homens, nas relações sociais de produção, estabelecem entre si e com a natureza¹⁷. Em sua formulação, a lógica histórica assume as seguintes características:

Por “lógica histórica”, entendo um método lógico de investigação adequado aos materiais históricos, destinados, na medida do possível, a testar hipóteses quanto à estrutura, causação etc., e a eliminar procedimentos autoconfirmadores (“instâncias”, “ilustrações”) (THOMPSON, 1981, p. 49).

Em seguida, o historiador britânico arremata afirmando que “o desenvolvimento desse conhecimento (histórico) se dá tanto na teoria quanto na prática: surge de um diálogo e seu discurso de demonstração é conduzido nos termos da lógica histórica” (THOMPSON, 1981, p. 61). Assim, Thompson põe em prática uma “negação da negação”¹⁸ da filosofia da história, uma superação do caráter especulativo da história, isto é, na medida em que para ele “as categorias adequadas à investigação da história são categorias históricas” (THOMPSON, p. 61). Portanto, a realização epistemológica da pesquisa histórica se dá no âmbito do próprio processo que desenlaça a mesma. Neste caso, Thompson se manifesta fiel ao legado teórico

herdado de Marx, tal como nessa formulação: “não podereis superar a filosofia sem realizá-la” (MARX, 1977a, p. 7).

A lógica histórica, em oposição à filosofia da história, constitui-se em um conhecimento, fundado em provas, que estabelece uma relação dialógica entre: os conceitos e as evidências (hipóteses), de um lado; e a pesquisa empírica, do outro. Deste modo, a lógica histórica deveria: “estar implícita em cada confronto empírico, e explícita na maneira pela qual o historiador se posiciona ante as evidências e nas perguntas propostas” (THOMPSON, 1981, p. 49).

De resto, a lógica histórica interroga (pois para Thompson, o “interrogador é sempre a lógica histórica”), mediante o estabelecimento de hipóteses sucessivas, uma determinada totalidade histórica perpassada por nexos que interligam contraditórios fenômenos orgânicos da formação socioeconômica que está sendo objeto de investigação por parte do historiador. Todavia, essa totalidade não é um ícone petrificado pelo processo histórico, antes pelo contrário, “essa totalidade não é uma ‘verdade’ teórica acabada (ou teoria); mas também não é um ‘modelo’ fictício; é um conhecimento em desenvolvimento, muito embora provisório e aproximado, com muitos silêncios e impurezas” (THOMPSON, 1981, p. 49). Em síntese, para o historiador britânico, o constante movimento inerente ao fenômeno histórico pesquisado impõe ao historiador o rigor metodológico em que teoria e empiria se conjugam para produzir as próprias categorias que serão utilizadas, de forma lógica, no processo de produção do conhecimento histórico.

Divergências precedidas de um consenso

Explicitou-se, contudo, um consenso no terreno das divergências epistêmicas travadas entre Thompson e Althusser: a de que o materialismo histórico ainda não estava plenamente desenvolvido nas intituladas “obras filosóficas” produzidas na primeira metade da década de 1840 por Marx e Engels. Ou seja, para o historiador britânico, no acerto de contas filosóficas que ambos demandaram em relação aos designados “jovens hegelianos de esquerda”¹⁹, o materialismo histórico ainda estava em processo de “postulação”. Essa posição assumida por Thompson ficou assim explanada:

Quando examinamos as deficiências filosóficas da década de 1840, e as proposições que informam *A Ideologia Alemã* e o *Manifesto Comunista*, parece haver indicações de estase, e mesmo regressão, nos quinze anos seguintes. Apesar da significação da batalha econômica no *Grundrisse* e, apesar das ricas hipóteses que surgem em seus interstícios (quanto às formações pré-capitalistas etc.), há alguma coisa de obsessivo na luta de Marx com a Economia Política (THOMPSON, 1981, p. 71).

Já em Althusser, a crítica formulada à “filosofia da história” que perpassou as obras de Marx e de Engels escritas na primeira metade da década de 1840, assumiu os seguintes contornos:

Chegarei, pois, a dizer que é preciso evitar não só esposar as ilusões espontâneas da concepção idealista da história ideológica como também, talvez muito mais ainda, evitar ceder à impressão que nos dão os textos do Jovem Marx e *exposar a sua própria consciência de si* (ALTHUSSAER, 1979, p. 62).

Mas, as concordâncias entre o historiado britânico e o filósofo francês quanto ao legado teórico dos escritos juvenis marxianos e engelsianos terminavam por aqui. Pois, as divergências se acentuavam quanto ao que deveria ser o materialismo histórico na tradição marxista. Em Althusser, as suas estruturas conceituais estavam plenamente desenvolvidas nas obras do nominado “Marx maduro”, particularmente em “O capital” (1867). Neste sentido, na obra “Ler O capital”, ele afirmou:

Toda ciência econômica depende, pois, como qualquer outra ciência, da construção do conceito de seu objeto. Sob essa condição, não há contradição alguma entre a teoria da Economia e a teoria da História; pelo contrário, a teoria da economia é uma região subordinada da teoria da história; evidentemente, não no sentido historicista, nem no empirista, mas no sentido em que podemos esboçar essa teoria da história (ALTHUSSER, 1980, v. II, p. 134).

Assim sendo, o materialismo histórico assumiu em Althusser a unidade entre a “teoria da economia” e a “teoria da história”, ou seja, os conceitos estruturais são os mesmos em ambos os campos científicos. Dito de outra forma: as categorias do materialismo histórico são coincidentes com as categorias da Economia Política do marxismo. Em Thompson assumiu um sentido contrário, pois

Devemos começar concordando imediatamente que *O Capital* não é uma obra de “história”. Há uma história do desenvolvimento das formas de capital encerrada nele, mas ela raramente é desenvolvida dentro da disciplina histórica, ou é testada pelos procedimentos da lógica histórica. As passagens históricas são pouco mais que “exemplos” e “ilustrações”, mas algo menos que a história real. (...) Mas devemos dizer desde já que Marx jamais pretendeu, ao escrever *O Capital*, estar escrevendo a história do capitalismo. Isto é bem sabido, mas ainda assim o lembramos. Marx espera (como é evidente pelos cadernos de notas do *Grundrisse*) que seu trabalho “ofereça também a chave para o entendimento do passado – um trabalho independente que esperamos ser também capazes de empreender”. Essa esperança não se confirmou.

Portanto, para o historiador britânico da New Left, a “lógica histórica”, como “método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado a testar hipótese quanto à estrutura, causação etc.” (THOMPSON, 1981. p. 49), não se encontrava nas obras do “jovem Marx” (por exemplo, “A ideologia alemã”) e nem nas do “Marx maduro” (por exemplo, “O capital”). Pois, para Thompson, o historiador de tradição marxista deveria buscar nas cartas que o “velho” Engels²⁰ escreveu, após a morte de Marx (1883), as referências fecundas para o exercício do seu ofício no processo de “interrogação sobre as evidências históricas”. A esse respeito, afirmou:

As cartas são conhecidas e o leitor pode indagar porque as repito. Faço-o para ressaltar, primeiro, que Engels reconhecia claramente ter Marx *proposto* uma teoria do materialismo histórico que não havia nem postulado plenamente, nem começado a desenvolver. Quanto a uma parte dessa proposição dependemos, inclusive, das últimas cartas de Engels. Althusser ridiculariza essas cartas, mas deveríamos ver uma curiosidade no fato de ele ser capaz, no mesmo momento, de tomar de empréstimo noções (“autonomia relativa”, “determinação em última instância”) de importância central para seu pensamento de trechos que se encontram ali bem perto, nas mesmas cartas que satiriza. Acrescentarei que elas já me eram tão conhecidas, e de alguns colegas praticantes do materialismo histórico, em 1948 como em 1978, e que foi *dai* que partimos. Não tivemos que esperar por Althusser para aprender que os problemas *críticos* estão na área da “autonomia relativa” etc.; essas frases

indicaram os problemas que nos propusemos então a examinar em nossa prática (THOMPSON, 1981, p. 79-80).

Assim, ele toma das últimas cartas escritas pelo “velho” Engels a sua concepção de materialismo histórico e não, por conseguinte, das obras ditas “filosóficas (dialéticas)” do “jovem Marx” ou mesmo “científicas” do “Marx da maturidade”. Portanto, em Thompson, o materialismo histórico assumiu a seguinte configuração:

(...) distingue-se de outros sistemas interpretativos pela sua obstinação teimosa (teimosia que foi por vezes doutrinária) em elaborar essas categorias, e em articulá-las numa totalidade conceptual. Essa totalidade não é uma “verdade” teórica acabada (ou Teoria); mas também não é um “modelo” fictício, é um *conhecimento* em desenvolvimento, muito embora provisório e aproximado, com muitos silêncios e impurezas (THOMPSON, 1981, p 61).

Ou ainda:

O materialismo histórico propõe-se a estudar o processo social em sua totalidade; isto é, propõe-se a fazê-lo quando este surge não como mais uma história “setorial” – como história econômica, política ou intelectual, como história do trabalho, ou como “história social” definida também como mais um setor – mas como uma história total da sociedade, na qual todas as outras histórias setoriais estão reunidas (THOMPSON, 1981, p 82).

Desse modo, o materialismo histórico encontra em Thompson uma formulação que, a um só tempo, reivindica tanto o sentido de “totalidade” como de “particularidade” e “singularidade” (histórias setoriais) correspondentes aos fenômenos “materiais, sociais e culturais” engendrados por uma determinada formação societária historicamente dada. Por não ser tomada como uma “totalidade teórica acabada” (teórica abstrata), a sua concepção propõe uma “lógica histórica” na qual as evidências, causas e determinações objetivas (história real) estão constantemente sofrendo as interrogações e as respostas mutuamente determinantes (diálogos intermináveis) tanto de novas hipóteses (conceitos e ideologias) quanto pelo próprio conhecimento histórico já produzido. Portanto, Thompson reivindicava a dessacralização do materialismo histórico tanto das influências da “filosofia da história” (“o jovem Marx”) quanto da “ciência da história” (“o Marx maduro”).

Considerações finais

A revolução estruturalista que Althusser e seus discípulos provocaram no âmbito do marxismo, com base no “corte epistemológico” que efetivaram nas obras de Marx, estava inserida no contexto do pós-guerra (1945) marcado por três características: (A) o auge da “era de ouro” da expansão e prosperidade capitalista no mundo ocidental; (B) os jovens intelectuais de esquerda que realizaram a ampliação do marxismo por meio de uma profusão de novas interpretações radicais, a partir dos anos de 1960, não guardavam extração social com a classe operária; mas eram, em sua maioria, originários das altas classes médias e da burguesia que tinham acesso às universidades; e (C) o marxismo ganhou, assim, uma dimensão acadêmica de caráter hermético, do ponto de vista das polêmicas que foram travadas no seu interior, tanto para o “grande público” com para o próprio proletariado ocidental²¹.

Essas leituras epistemológicas realizadas sobre as obras do denominado “Marx da maturidade”, gozaram de grande influência no “marxismo ocidental” entre 1965 a 1975. Portanto, quando Thompson publicou “A miséria da teoria ou um planetário de erros” (1978), o marxismo estruturalista althusseriano ainda se fazia sentir fortemente no âmbito acadêmico do “mundo ocidental”. As críticas que Thompson endereçou às obras “A favor de Marx” e “Ler O Capital” marcaram, em particular, o debate historiográfico acerca de qual deveria ser a presumível concepção do materialismo histórico no campo da tradição marxista. A partir de então, acentuou-se o debate, no interior do marxismo, relacionado às divergências entre a “filosofia da história”, de inspiração no método dialético, e a “ciência da história”, vinculada à economia política. Contudo, há de se realçar a singularidade da concepção thompsoniana nessa discussão: para o historiador britânico nenhum dos dois polos que reivindicava a herança marxista a respeito do materialismo histórico tinha produzido os instrumentos conceituais suficientemente adequados para serem utilizados na Oficina de Clio. Para ele, o historiador deveria se fundamentar teoricamente nas recomendações explicitadas nas cartas que o “velho” Engels escreveu depois de 1883, ou seja, as várias missivas redigidas sobre a concepção marxista da história, tal como ficou registrado na de 1894, que foi postada um ano antes da sua morte:

O desenvolvimento político, jurídico, filosófico, religioso, literário, artístico, etc., repousa sobre o [desenvolvimento] econômico. Mas, todos eles reagem também uns sobre os outros e sobre a base econômica. Não é que a situação econômica seja *causa, unicamente ativa*, e tudo o mais apenas efeito passivo. Mas há ação recíproca na base da necessidade [Notwendigkeit] econômica que *em última instância* sempre vem ao de cima. (...) Não há, portanto, como aqui e além por comodidade se quer imaginar, um efeito [Wirkung] automático da situação econômica, mas os homens fazem eles próprios a sua história, mas num meio dado que a condiciona, sobre a base de condições efetivas que encontram [já], entre as quais, as econômicas – por mais influenciadas que possam ser pelas [condições] políticas e ideológicas – são, contudo, em última instância, as decisivas e constituem o fio condutor que as percorre e que, só ele, leva ao entendimento (ENGELS, 1985c, p. 566).

Eis os princípios do materialismo histórico que foram empregados, desde 1948, por E. P. Thompson para interrogar os fenômenos engendrados pelas sociedades dos homens e, por conseguinte, para produzir o conhecimento histórico. Ao contrário, Louis Althusser entendia que essas correspondências do “velho bufão” introduziam na história um sentido “empirista-ideológico” de cunho hegeliano (método dialético). Por fim, podemos considerar que a nominada “polêmica” travada entre esses dois importantes intelectuais dá prosseguimento a uma tradição do próprio pensamento marxista, desde a sua constituição a partir da década de 1840, quando gerou também uma eferescente ebulição teórica entre os pensadores socialistas.

Referências Bibliográficas

ADREUCCI, Franco. A difusão e a vulgarização do marxismo. In: HOBBSAWM, Eric (Org.). ***História do marxismo II***: o marxismo na época da Segunda Internacional. Tradução: Leandro Konder; Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. v. 2, p. 15-73.

- ALTHUSSER, Louis *et al.* **Ler o Capital**. Tradução: Nathanael C. Caixeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 19780. v. I, 211 p.; v. II 329 p.
- ALTHUSSER, Louis. **A favor de Marx**. Tradução: Dirceu Lindoso. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1979.
- ANDERSON, Perry. **Considerações sobre o marxismo ocidental**. 2ª Ed. Tradução: Marcelo Levy. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- COUTINHO, Carlos Nelson. **O estruturalismo e a miséria da razão**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1972.
- ELLIOTT, Gregory. **Althusser: The Detour of Theory**. London; New York: Verso Books, 1987.
- ENGELS, Friedrich. Engels a Conrad Schmidt (em Berlin). Londres, 5 de Agosto de 1890. In: MARX & ENGELS. **Obras escolhidas em três tomos**. Tradução: José Barata-Moura et al. Lisboa: Edições “Avante!”; Moscovo: Edições Progresso, 1985a. p. 542-544.
- ENGELS, Friedrich. Engels a Joseph Bloch (em Königsberg). Londres, 21-22 de Setembro de 1890. In: MARX & ENGELS. **Obras escolhidas em três tomos**. Tradução: José Barata-Moura et al. Lisboa: Edições “Avante!”; Moscovo: Edições Progresso, 1985b. p. 547-549.
- ENGELS, Friedrich. Engels a W. Borgius. Londres, 25 de Janeiro de 1894. In: MARX & ENGELS. **Obras escolhidas em três tomos**. Tradução: José Barata-Moura et al. Lisboa: Edições “Avante!”; Moscovo: Edições Progresso, 1985c. p. 565-567.
- FERREIRA Jr., Amarílio. Engels e a historiografia marxista. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Marx e Engels na história**. São Paulo: Xamã, 1996. p. 57-62.
- KALLSCHEUER, Otto. Marxismo e teoria do conhecimento. In: In: HOBSBAWM, Eric (Org.). **História do marxismo: o marxismo hoje**. Segunda parte. Tradução: Carlos Nelson Coutinho et al. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. v. 12, p. 15-73.
- LUKÁCS, György. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Tradução: Carlos Nelson Coutinho; José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.
- MARTÍN, Pedro Benítez. Thompson versus Althusser. **Crítica Marxista**, n. 39, p.129-139, 2014.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (I- Feuerbach)**. Tradução Conceição Jardim Et al. 4ª Ed. Portugal: Editorial Presença; Brasil: Livraria Martins Fontes, 1980. v. I.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A sagrada família**. Tradução Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos (Terceiro Manuscrito)**. Tradução: José Carlos Bruni *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 03-48. (Os Pensadores).
- MARX, Karl. **O 18 brumário e cartas a Kugelmann**. 3ª Ed. Editora Paz e Terra, 1977.
- PARAIN, Charles. Estruturalismo e história. In: MOULOU, Noel et al. **Estruturalismo e marxismo**. Tradução: Carlos Henrique de Escobar. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p. 66-87.
- THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1981.

Notas

¹ Professor Titular do Departamento de Educação da UFSCar e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4427-2732> Email: ferreira@ufscar.br

- ² Professora Titular de História, Políticas e Filosofia da Educação (DEd / UFSCar). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3990-3210>. Email: bittar@ufscar.br
- ³ Na obra “A ideologia alemã (I- Feuerbach)”, Marx e Engels formularam um entendimento sobre a concepção da história com base na seguinte fundamentação: “Esta concepção da história tem, portanto, como base o desenvolvimento do processo real da produção, concretamente a produção material da vida imediata; concebe a forma das relações humanas ligadas a este modo de produção e por ele engendrada, isto é, a sociedade civil nos seus diferentes estádios, como sendo o fundamento de toda a história” (MARX; ENGELS, 1980, v. I, p. 48).
- ⁴ Althusser recusou o convite endereçado por Perry Anderson, editor da *New Left Review*, para responder às críticas formuladas por Thompson (MARTÍN, 2014, p. 130).
- ⁵ Para um entendimento sobre o chamado “marxismo ocidental”, consultar: ANDERSON, 1989, p. 43 Et seq.
- ⁶ Os conceitos “marxismo humanista” e “marxismo romântico”, utilizados no corpo do artigo, foram extraídos da própria obra de Althusser (1980, v. II, p. 69 Et seq.).
- ⁷ A *New Left* foi um amplo movimento de ativistas de esquerda que surgiu na Europa Ocidental e na América do Norte no final dos anos 1950 e início dos anos 60. A sua origem está associada às denúncias feitas por Nikita Khrushchev, durante a realização do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (1956), contra os crimes cometidos por Joseph Stalin (1878-1953). Tratava-se, inicialmente, de um movimento de esquerda radical que visava, a um só tempo, distinguir-se tanto do comunismo soviético quanto do marxismo ortodoxo e da social-democracia dominante na Europa Ocidental. A sua influência política se manifestou, por exemplo, na radicalização do movimento estudantil, dos anos 1960, na França e nos Estados Unidos, nesse último contra a Guerra do Vietnã (1955-1975). Além disso, os intelectuais da *New Left* ajudaram a organizar os movimentos pacifistas dos anos 1970 e 80 contra as armas nucleares instaladas no continente europeu. Na Grã-Bretanha, a chamada “nova esquerda” se articulou em torno da *New Left Review*, criada em 1960, e era constituída por um grupo de intelectuais marxistas que havia deixado o Partido Comunista da Grã-Bretanha na década de 1950, entre os seus fundadores estavam os historiadores E. P. Thompson e Perry Anderson.
- ⁸ Nesta fase do pensamento marxiano, temos as seguintes obras: “Crítica da Filosofia do direito de Hegel – Introdução” (1843); “Manuscritos econômicos e filosóficos” (1844); “Teses sobre Feuerbach” (1845); “A sagrada família” (1845); “A ideologia alemã (I- Feuerbach)” (1845-1846).
- ⁹ Correspondente a este período da chamada “produção científica” de Marx, encontramos os seguintes trabalhos: “Miséria da filosofia” (1847); “Manifesto do Partido Comunista” (1848); “Contribuição à crítica da economia política” (1859); e “O capital” (1867); “Crítica ao Programa de Gotha” (1875).
- ¹⁰ Carlos Nelson Coutinho, na obra “O estruturalismo e a miséria da razão”, considerava uma falsa polêmica a tendência de se contrapor o “jovem Marx” (voluntarismo subjetivista) ao “Marx da maturidade” (positivismo mecanicista) em momentos de crise do próprio marxismo, ou seja, “o ‘humanista’ ao ‘cientista’”, optando-se por um dos dois; as tendências ‘ativistas’ fetichizam o jovem, enquanto as positivistas retêm o ‘cientista’ da maturidade” (COUTINHO, 1972, p. 171).
- ¹¹ A este respeito, Althusser (1980, v. I, p. 13) afirmou: “o discurso de O Capital se distingue não só do discurso da economia clássica, mas também do discurso filosófico (ideológico) do jovem Marx”.
- ¹² Sobre a influência da dialética hegeliana enquanto método de investigação científica na sua concepção de história, Marx escreveu o seguinte: “A dialética de Hegel é a forma básica de toda dialética, mas somente depois que ela foi extirpada de sua forma mística, e isto é precisamente o que distingue meu método” (MARX, 1977, p. 214). Ou ainda em outra passagem: “(...) pergunta-se como Engels, eu e outros tomamos o cão morto Hegel *au sérieux*, depois que Büchner, Lange, Dr. Düring, Fechner, etc., há muito concordaram em que – pobres diabos – enterraram muito tempo atrás. Lange é bastante ingênuo para dizer que eu me ‘movimento com rara liberdade’ em matéria empírica. Ele não tem a mínima ideia de que ‘livre movimento em matéria empírica’ nada seja senão uma paráfrase para o *método* de tratar o assunto, ou seja, o *método dialético*” (MARX, 1977, p. 277).
- ¹³ Para uma compreensão sobre a influência da dialética hegeliana nas obras do chamado “jovem Marx”, digno de nota é: LUKÁCS, 2007, p. 121 Et seq.
- ¹⁴ Trata-se, em particular, das cartas sobre o materialismo histórico que o “velho” Engels escreveu no período em que a Segunda Internacional (1889-1916) enfrentava uma crise ideológica devido à influência exercida pelo “evolucionismo social de caráter determinista”. Segundo o historiador Franco Andreucci, de Engels “dispomos de quase 1200 cartas dos anos de formação do marxismo, e é lícito supor que as cartas escritas tenham sido bem mais numerosas” (ANDREUCCI, 1982, p. 31).
- ¹⁵ A respeito do significado das designadas “cartas sobre o materialismo histórico” que Engels escreveu depois de 1883, conferir: FERREIRA Jr, 1996, p. 657 Et seq.
- ¹⁶ As obras althusserianas que serviram de referência para Thompson, no livro “A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser” (1978), foram as seguintes: “Ler o Capital” (1965) e “A favor de Marx” (1965).
- ¹⁷ Sobre o objeto da história, Thompson argumentou: “Os processos acabados da mudança histórica, com sua complicada causação, realmente ocorreram, e a historiografia pode falsificar ou não entender, mas não pode modificar, em nenhum grau, o *status* ontológico do passado. O objetivo da disciplina histórica é a concessão dessa verdade da história” (THOMPSON, 1981, p. 51).
- ¹⁸ Sobre o significado da lei dialética baseada na “negação da negação” (tese, antítese e síntese) Marx, nos “Manuscritos econômico-filosóficos (Terceiro Manuscrito)”, elogiando os avanços que Feuerbach havia empreendido em relação à filosofia hegeliana, afirmou que: “Feuerbach concebe, pois, a negação da negação *apenas* como contradição da filosofia consigo mesma, como a filosofia que

afirma a teologia (transcendência, etc.) depois de a ter negado, depois de a ter afirmado em oposição a si mesma” (grifo no original) (Marx, 1978, p. 34). Assim sendo, para Thompson, a produção do conhecimento histórico não necessitava buscar uma afirmação especulativa (filosofia da história) em si mesma, mas, tinha que se afirmar com base nos próprios procedimentos investigativos empíricos empreendidos pelo historiador.

¹⁹ Os “jovens hegelianos de esquerda” formavam um grupo constituído por estudantes e professores da Universidade de Berlim e todos tinham sido “discípulos” do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831). Os seus principais expoentes foram: Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872); Bruno Bauer (1809-1882); Johann Kaspar Schmidt (Max Stirner) (1806-1856); Arnold Ruge (1802-1880); David Friedrich Strauss (1808-1874); Karl Marx (1818-1883); Friedrich Engels (1820-1895). O rompimento de Marx e de Engels com o movimento filosófico dos “hegelianos de esquerda” ficou registrado em duas obras: “A Sagrada Família” (1844) e “A Ideologia Alemã” (1845-1846), nas quais expuseram os fundamentos tanto do materialismo histórico como do materialismo dialético.

²⁰ Sobre as cartas nas quais Engels abordou a sua concepção do materialismo histórico, as mais emblemáticas são: ENGELS, 1985, p. 543-544; ENGELS, 1985, p. 547-548; ENGELS, 1985, p. 565-567.

²¹ Para um útil entendimento sobre o contexto da expansão que as ideias marxistas ganharam nas décadas de 1960 e 70, conferir: KALLSCHEUER, 1989, p. 14 Et seq.

Recebido em: 24/08/2018

Aprovado em: 29/04/2019